

Ficha de Avaliação | 11.1. A Guerra Fria

Escola: _____ N.º: _____ Turma: _____
Classificação: _____ Prof.: _____ Enc. de Ed.: _____

GRUPO I – 11.1. A Guerra Fria

1. Lê a fonte.

Fonte A

A importância do quadro de guerra a leste, na frente russa, aumentava o papel político da URSS e como reflexo, aqui em Portugal, do Partido Comunista. Este teria uma influência fundamental no lançamento da organização do Movimento Nacional de Unidade Antifascista (MUNAF), onde se integraram também membros do antigo Partido Socialista e dos Partidos da República, do movimento anarquista, do grupo da Seara Nova e da Maçonaria. Com o fim da guerra, as condições externas eram aparentemente favoráveis ao fim dos regimes autoritários em Portugal e Espanha ou, ao menos, a que estes permitissem alguma abertura no plano político.

José Tengarrinha, "Oposição democrática e Europa", em *O Fim da Segunda Guerra Mundial e os Novos Rumos da Europa*, (coord. António José Telo), Edições Cosmos, 1996

1.1. Como classificas o papel do MUNAF, um movimento defensor ou opositor ao regime?

1.2. Comenta o significado da frase sublinhada na fonte A.

2. Faz a correspondência entre as duas colunas.

- (A) Norton de Matos
- (B) Óscar Carmona
- (C) Humberto Delgado
- (D) Américo Tomás

- (1) Candidato presidencial da oposição às Presidenciais de 1949.
- (2) Potencial vencedor das eleições presidenciais de 1958.
- (3) Candidato do regime, vencedor das eleições de 1958.
- (4) Venceu as eleições após desistência do candidato da oposição.

3. Observa a fonte.



3.1. A partir da análise da fonte e dos teus conhecimentos, comenta a reação do regime para com a crescente oposição política.

Fonte B – O assassinato de Humberto Delgado (cartoon de Faustino Torres)

4. Lê as fontes.

Fonte C

1) A sujeição dos povos a uma subjugação, a uma dominação e a uma exploração estrangeira constitui uma negação dos direitos fundamentais do homem, contrários à Carta das Nações Unidas e comprometedores da causa da paz e da cooperação mundiais.

2) Todos os povos têm direito à livre determinação; em virtude deste direito, eles determinam livremente seu estatuto político e buscam livremente seu desenvolvimento económico, social e cultural.

*Resolução 1514 da ONU sobre a descolonização,
14 de dezembro de 1960*

Fonte D

O movimento nacionalista é o grande problema da Administração portuguesa na nova conjuntura. O conflito começa logo em 1947, quando a União Indiana independente reclama Goa, Damão e Diu. [...] A posição de Lisboa é clara e irredutível: o Império é parte integrante de Portugal e não se deve fomentar nenhum tipo de autonomia, seja ela branca, mista ou negra, conservadora, liberal ou comunista, total ou parcial, imediata ou a prazo. O caminho é justamente o contrário: reforçar a todo o custo os laços de dependência, sobretudo no campo económico, e aumentar a colonização branca. Tal implica o lançamento de amplas obras de infraestruturas e de alguns grandes projetos, com o indispensável recurso a capitais estrangeiros.

*António J. Telo, Economia e Império no Portugal Contemporâneo,
Edições Cosmos, 1994*

4.1. Qual a posição da ONU em relação ao tema da descolonização?

4.2. Após análise da fonte D, apresenta a perspetiva de Portugal.

5. Observa as fontes.



Fonte E – Embarque de militares para a Guerra Colonial



Fonte F – Monumento às vítimas do Ultramar, Lisboa

5.1. Explica as principais consequências da política colonial portuguesa.


Bom trabalho!

Ficha de Avaliação | 11.1. A Guerra Fria

Escola: _____ N.º: _____ Turma: _____
Classificação: _____ Prof.: _____ Enc. de Ed.: _____

GRUPO I – 11.1. A Guerra Fria

1. Lê a fonte.

Fonte A – O Movimento de Unidade Democrática

O MUD constituiu o primeiro movimento geral de oposição democrática ao regime salazarista. Num curto espaço de tempo criaram-se, por todo o país, inúmeras comissões do MUD que reuniam comunistas, republicanos, monárquicos, socialistas, católicos e um grupo considerável de homens e mulheres sem partido, cujo objetivo principal era o de combater de forma organizada e eficaz o fascismo.

Este movimento teria como suporte a ação clandestina do MUNAF [Movimento de Unidade Antifascista]. Apesar da perseguição e repressão de que os seus dirigentes foram alvo, a ação desenvolvida pelo MUD constituiu um poderoso cimento de unidade das forças democráticas.

César Oliveira, *Portugal Contemporâneo*, dir. de António Reis, Edições Alfa, 1996

1.1. Qual o papel do MUD no contexto do Estado Novo, nas décadas de 40 e 50?

2. Analisa a fonte.

Fonte B

– Ouvi dizer, Sr. Presidente, que muitas vezes, teve V. Ex.^a mais em conta os defeitos do que as qualidades.
– De facto, há quem me acuse de não ter explorado a fundo todas as possibilidades deste povo. Em tais circunstâncias não pode considerar-se isento de dificuldades conseguir a ordem sem violência, o trabalho com disciplina, acreditar em grandes tarefas coletivas. E, no entanto, é inegável ter-se logrado o revigoramento do espírito nacional, um clima moral inteiramente novo, profunda e vasta renovação material. Reconciliámos o Estado com a Nação, que se habituara até então a escarnecer a insuficiência, a má-fé e a tradicional desordem dos que governavam. Reina enfim um remozado espírito no Ultramar, fora da aventura individual e integrado nas necessidades e na missão tradicional da Nação Portuguesa.

Grandes Entrevistas da História 1952-1970, António de Oliveira Salazar, Expresso, 2014

2.1. Transcreve, da fonte B, uma expressão que:

- reflita a forma como o regime lidava com a oposição;
- enuncie as vantagens trazidas pelo regime;
- refira a política colonial salazarista.

3. Observa a fonte C.

3.1. De acordo com a última frase da fonte B e o conteúdo da fonte C, comenta os efeitos da posição portuguesa face à descolonização.



Fonte C – A Força Aérea portuguesa em Angola (1961-1975)

4. Lê e observa as fontes.

Fonte D

[...] Eles dizem que nós somos uma raça inferior e atrasada, com costumes primitivos, um Povo ignorante que deve ser educado pela raça superior e avançada, cheia de bons costumes e sabedoria. A Constituição portuguesa diz expressamente que a essência da Nação portuguesa é “civilizar” os bárbaros que nós somos. [...] Muito embora toda a gente veja que em Portugal há mais de 40% de analfabetos, que a miséria dos camponeses e do povo português é enorme, o seu obscurantismo não é inferior ao nosso e têm tantas ou mais superstições do que nós, embora diferentes.

Samora Machel, *Estabelecer o Poder popular para Servir as Massas*, Edições CIDAC, 1974

Fonte E

Com a substituição de Salazar por Caetano, o regime deixava, pela primeira vez de obedecer a uma chefia única e incontestada. [...] é possível distinguir duas fases principais neste período: uma primeira, até finais de 1970, de relativa abertura e criação de expectativas liberalizantes, num quadro institucional de instável equilíbrio de poderes entre o chefe de Estado e o chefe do Governo e num clima político de adiamento de escolhas essenciais para o futuro do regime; uma segunda, até à *Revolução do 25 de Abril de 1974*, de progressiva crisperação repressiva, radicalização das oposições e isolamento e degenerescência das instituições, em consequência do impasse colonial.

António Reis, “Marcelismo”, em *Dicionário de História do Estado Novo*, dir. de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, Bertrand, 1996



Fonte F – Novos países africanos

4.1. Desenvolve, utilizando informação das fontes, o tema:

A revolução democrática portuguesa.

A tua resposta deve abordar os seguintes aspetos:

- a recusa da democratização e descolonização pelo projeto marcelista;
- a revolução do povo;
- os efeitos da mudança.